

**IMPrensa E INSTRUÇÃO: FOCALIZANDO O PERIÓDICO *GERMINAL*
(1909) DE PENEDO/AL**PRESS AND INSTRUCTION: FOCUSING ON THE JOURNAL *GERMINAL* (1909)
FROM PENEDO/ALEdna Telma Fonseca e Silva Vilar¹
Universidade Federal de Alagoas**RESUMO**

O presente trabalho visa discutir sobre a relação imprensa e educação mediada pela instrução como tema/problema que comporta leituras referentes não somente a uma época, mas também aos modos de ver a sociedade e suas demandas. A fonte jornal foi a base da pesquisa documental. Para uma leitura mais intensiva, elegemos o periódico *Germinal* (1909), embora dialoguemos com outros periódicos que circularam coetaneamente a este, que se propunha, desde o seu programa inicial, a “bater-se pela difusão da instrução, pela causa das letras” e com produções referentes à historiografia da educação. As fontes consultadas nos permitem reafirmar a “instrução” como um problema social recorrente, uma vez que, historicamente, foi apresentada como objeto de reivindicação e ocupou a agenda social dos nossos articulistas, jornalistas e colaboradores da imprensa periódica, alçada como meio e fim da instrução.

Palavras-chave: Imprensa. Instrução. República.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde 1870 que o jornalismo penedense votou a sua actividade ao desenvolvimento intelectual, moral e material de Penedo ao serviço de uma imprensa digna da missão civilisadora que desempenha – ‘sangue das sociedades modernas’ [...]. (A SEMANA, n. 34, 19/09/1909, p. 1).

O fragmento que nos serve de epígrafe evidencia o quanto a imprensa de/em Penedo, há tempos, vinha sendo utilizada não somente como instrumento de comunicação, mas também de engajamento social e local dos que nela atuaram, atacando várias frentes de temas/problemas que obstavam a modernidade. Vale destacar que, no mesmo artigo de onde foi transcrito o excerto supracitado, são enumerados os títulos de trinta e nove periódicos que já haviam circulado ou ainda estavam em circulação na imprensa penedense, alguns com títulos bem sugestivos, como *O Vigilante*, *Orgão do Povo*, *A luz* e *A Instrução*, por exemplo.

¹ Professora do Centro de Educação - CEDU - da Universidade Federal de Alagoas - UFAL. E-mail: ednatelma@yahoo.com.br

Considerando que a imprensa vem sendo uma importante fonte para as pesquisas em História da Educação, sobretudo no âmbito da nova história cultural, no que se refere à ampliação das fontes e à noção de documento, os periódicos vêm se apresentando como fontes privilegiadas, mesmo aqueles que não se constituíram como imprensa pedagógica (ARAÚJO; SCHELBAUER, 2007; CAMPOS, 2012).

De acordo com Araújo (2002, p. 59), “[...] tal modalidade de fonte tem contribuído para ampliar a pesquisa histórico-educacional, dando-lhe contornos e vitalidade há pouco não observados [...]”. Ademais, como bem destacaram Araújo e Schelbauer (2007, p. 5), é necessário considerar que, se “[...] a educação é prática social que se estrutura a partir do que é veiculado pela cultura, a imprensa tem seu lugar na educação dos homens na sociedade [...]”.

Nesse contexto, nas “[...] pesquisas nos, dos e por meio dos periódicos [...]”, conforme especificidades discutidas por Luca (2006), em que eles podem ser tomados como fonte e/ou objeto, vêm se evidenciando novos ‘contornos’ e uma significativa ‘vitalidade’ (ARAÚJO, 2002), haja vista os novos temas, problemas e objetos investigados. Sena (2014), por exemplo, investigou as notícias nos jornais sobre educação e instrução pública no Império que foram publicadas sob o modo epistolar - especificidade tomada como seu objeto de estudo, mas também de Gondra (2003) e Rizinni (2007), conforme mencionado pela autora em uma produção referente à sua pesquisa². A iconografia, a literatura e os anúncios como registros múltiplos, além da diversidade de gêneros discursivos, têm se apresentando como potenciais objetos para investigações no suporte jornal.

Cabe destacar que Gonçalves Neto, há mais de uma década, já recomendara que os periódicos não especificamente pedagógicos deveriam ser analisados com vagar pelos historiadores da educação, uma vez que foram veículos de divulgação de ideias, valores e representações sociais nas primeiras décadas do Século XX. Além disso, de acordo com Araújo (2002, p. 59), “[...] há que ressaltar ainda a potencialidade que tal modalidade de fonte revela para os estudos histórico-educacionais de caráter regional e local [...]”.

Mediante o exposto, agregamos as virtualidades da fonte jornal à possibilidade de abordar o tema/problema da instrução no contexto da educação alagoana e penedense, considerando que ainda se tem estudado pouco acerca da história da

² Consultar referências bibliográficas desse trabalho.

Dossiê: imprensa, história e educação

educação dos municípios³, notadamente, os alagoanos. Imprensa e educação são, pois, os dois eixos de articulação e discussão deste trabalho, que visa discutir sobre a relação imprensa e educação, mediada pela instrução como tema/problema que comporta leituras referentes não somente a uma época, mas também aos modos de ver a sociedade e suas demandas.

Considerando que educação e instrução comportam diferentes sentidos e que já foram objeto de escrutínio de intelectuais como José Veríssimo⁴ e pesquisadores da Historiografia da educação brasileira, como, por exemplo, Gondra; Schneider (2011, p. 13), destacamos, com esses últimos, que, “[...] por vezes, os dois termos – educação e instrução – comparecem na literatura pedagógica ora como sinônimos, ora como descritores de fenômenos distintos [...]”.

Nessa perspectiva, os citados advertem ser importante “[...] rever e observar o seu emprego e o que pretendem descrever em cada caso, na medida em que possuem carga de significação distinta, cuja diferença parece mantida no uso corrente até nossos dias [...]” (GONDRA; SCHNEIDER, 2011, p. 13). Embora, no contexto aludido, o objetivo tenha sido o de orientar os pesquisadores que escreveram artigos para a coletânea *Educação e instrução nas províncias e na corte imperial*, adotamos tal recomendação como princípio metodológico - chave de leitura e análise a ser considerada na interpretação das fontes - uma vez que investigamos os sentidos atribuídos à instrução na/pela imprensa penedense, delimitando o ano final dos dois primeiros decênios da República, por coincidir com o de fundação do jornal *Germinal*, principal fonte para a elaboração deste artigo.

Gondra (2007), em um dos seus artigos, discute sobre o que recobre o termo instrução, o que o faz sob a perspectiva não só de um intelectual (Dr. Abílio César Borges), mas também no que denomina de uma ‘ordem’ – a ordem médica – que aludimos por extensão, a da imprensa ou dos jornalistas, ao inscrever um tema/problema que, abordado sob a antevisão de um sujeito pertencente a uma ordem e a um espaço-tempo específicos, fazia-se (re)conhecida com propriedade para falar em nome do povo e se pronunciar a respeito dos seus problemas, de modo particular, e por que não, da sociedade, de modo geral!?

³ Destacamos os trabalhos de pesquisa que vêm sendo desenvolvidos sob a coordenação/orientação do pesquisador Wenceslau Gonçalves Neto no contexto dos municípios de Minas Gerais.

⁴ Para esse intelectual a instrução deveria ser, concomitantemente, meio e fim para a educação nacional. “[...] Ora, toda a instrução cujo fim não for a educação e, primando tudo, a educação nacional, perde, por esse simples fato, toda a eficácia para o progresso, para a civilização e para a grandeza de um povo [...]” (VERÍSSIMO, 1985, p. 53).

Gondra; Schneider (2011, p. 12) destacam que o termo educação, geralmente, “recobre aspectos variados das condutas dos diferentes sujeitos sociais”. Já o termo instrução parece estar mais acoplado à ideia de escolarização. Portanto a instrução é uma questão universal, mas também de dimensão local; uma prática passível de ser descrita, problematizada. Investigar os sentidos que lhes foram imputados na/pela imprensa como pro/posição de sujeitos que tiveram por meio da escrita e do jornal condições de registrar e/ou atribuir sentidos e finalidades a esse que foi o principal desafio das nações modernas reveste-se de grande importância. Afinal, a instrução foi abordada por esses sujeitos, considerando-se os níveis de ensino (escola elementar, ensino secundário, superior); os graus de formalização (instrução formal institucionalizada e não formal); o tipo de instituição (internatos, preceptorado) e as finalidades (educar, civilizar)?

Assim sendo, na tessitura do texto, a instrução é o grande mote, vasculhada como ‘termo’ que se singulariza ou não em relação à educação no jornal *Germinal* que circulou na cidade de Penedo/AL no ano 1909. Entendemos o jornal como uma forma instanciada de intervir na sociedade, pensada por homens que se colocavam na condição de registrar, opinar, explicar e discutir os problemas da cidade e do país (LUCA, 2006).

Na leitura e na análise dessa fonte, as perguntas norteadoras foram as seguintes: O que redatores, articulistas e colaboradores (homens letrados), representantes de um espaço-tempo específico, predicaram a respeito da instrução? Sob quais condições o fizeram? O que levaram em consideração em seus escritos ao se referir à instrução (aspectos políticos, funcionais, relacionais)? Enfim, quais os sentidos atribuídos à instrução no periódico *Germinal* e, finalmente, qual a relação entre imprensa e instrução antevista em suas páginas?

Dialogamos com o jornal *Germinal* pelos seguintes motivos: a) encontramos, no citado periódico, artigos e seções em que são apresentadas diversas facetas da instrução; b) o razoável número de edições sequenciadas, visto que, de um total de 17, apenas as de número cinco, seis e quinze não estão disponibilizadas no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira. Ademais, consultando a finalidade desse jornal, consta, na apresentação do seu primeiro número, a seguinte inscrição: “[...] Aparece hoje o GERMINAL, que na imprensa local vem bater-se pela difusão da instrução, pela causa das letras [...]” (GERMINAL, n. 1, 25/07/1909, p. 1).

Para situar o leitor, contextualizamos, na primeira parte do texto, a cidade de Penedo, fazendo uma breve incursão pela produção bibliográfica referente à instrução

na província das Alagoas, notadamente a recuperada ou brotada no âmbito do grupo de pesquisa *Caminhos da Educação em Alagoas*, considerando que a educação, na República, além de ser uma continuidade do que se apregoava no Império, parece ter desapontado os que muito esperavam acontecer, sob a batuta do novo regime. Ao menos é o que nos deixam antever articulistas da imprensa penedense.

Na segunda parte do texto, percorremos as páginas do periódico *Germinal*, fazendo uma leitura mais intensiva e destacando as seções e as facetas da instrução nele abordadas, visando caracterizar o emprego do termo, mas também as finalidades evocadas, propagadas e almejadas desse instrumento e processo com muitas permanências e/nas mudanças. A relação entre imprensa e educação é discutida num diálogo com a fonte, colocando em foco a instrução como propulsora e problema para as sociedades modernas. Nessa perspectiva, destacamos as associações feitas pelos articulistas, as referências em que se pautaram e as in (ações) que denunciaram, ou seja, as intercessões publicizadas na imprensa “ao correr da pena”, para utilizar o título de uma das seções do *Germinal*.

Por fim, tecemos nossas considerações contextuais, na perspectiva de apresentar os nexos dessa relação imprensa-educação-instrução, esclarecendo os significados atribuídos aos dois últimos termos, bem como o papel imputado à imprensa em favor de sua propagação, notadamente na cidade de Penedo/AL.

2 CIDADE DE PENEDO/AL: A INSTRUÇÃO E A IMPRENSA

Um dos núcleos fundamentais do povoamento da outrora comarca das Alagoas, Penedo fora privilegiada em termos de educação, desde os tempos coloniais, quando os frades franciscanos iniciaram essa missão⁵.

Antônio Joaquim de Moura (1844, p. 35-38) referiu-se à cidade de Penedo em seu *Opúsculo da descrição geographica*, como “[...] vantajosamente situada á margem do Rio S. Francisco [...], com bastante commercio, [...] e aulas de latim, de logica, de francez, e duas escollas de primeiras letras para hum e outro sexo [...]”. Destacou, igualmente, que “[...] os oriundos dessa cidade, quasi no geral, fornecem bons empregados não só á Provincia senão para fora dela [...]”.

⁵ De acordo com Santos (2007, p. 109), “[...] os conventos abrigaram escolas de gramática, onde os estudantes aprendiam o suficiente para ingressar na própria Ordem Franciscana ou para dar continuidade aos estudos em outros centros, como Olinda e Salvador ou mesmo na Europa [...]”.

De acordo com o intelectual alagoano, Costa (1931), no ano de 1835, foram criadas as cadeiras de Filosofia e de Francês na cidade de Penedo, o que faz notar a importância desse município na província. Costa (1931, p. 19) refere, ainda, que, “[...] ao proclamar-se a República, o ensino público era ministrado na Província no Liceu Alagoano, ao qual funcionava anexo o curso normal, no Liceu de Penedo e em 184 escolas primárias, frequentadas essas por 6.458 alunos [...]”. Contudo, esse mesmo autor indica como traço de permanência na província a forma como ainda estava se processando a escolarização alagoana, a orientação arcaica da escola simplesmente alfabetizadora, absolutamente incapaz de transformar as massas populares, embrutecidas e definhantes, em elementos de trabalho e força produtora de riqueza.

Porém, se a moderna e civilizada cidade do Penedo atravessara o Império, destacando-se nos aspectos educacionais, culturais e econômicos, na República, os reveses parecem destoar dos áureos tempos idos em que a cultura e a educação eram motivos de orgulho dos penedenses. Entre eles, destacamos a extinção do Liceu de Penedo por meio do Decreto nº. 444, de 12 de novembro de 1908.

Convém enfatizar que o estado de Alagoas foi governado, de 1900 a 1912, pela “oligarquia dos Maltas”, sob o comando de Euclides Malta⁶ e seu grupo, cujo poder se espraiava “por todos os setores da vida alagoana de forma avassaladora” (VERÇOSA, 2006, p. 103). E como num conselho a ser seguido, adverte o citado autor que “[...] quem quisesse se confrontar com o poder estabelecido que pusesse suas barbas de molho [...]” (VERÇOSA, 2006, p. 103). Possivelmente, por essa razão, encontramos, em muitos periódicos da época, uma recorrência anunciada desde os seus programas - a de se posicionarem como “neutros” em assuntos políticos, conforme encontramos nos jornais consultados para a construção deste artigo.

Na edição de número XI do Jornal *O Cruzeiro*, o assunto “prédios escolares” é tratado em função da ausência de pagamento dos aluguéis por parte do Intendente municipal de Penedo. Contudo o que se destaca é a queixa dos professores enviada ao governador do estado de Alagoas e a resposta emitida por meio de um ofício enviado à autoridade municipal pelo então secretário dos Negócios da Fazenda, em resposta à reivindicação dos professores. Reproduzimos na íntegra a referida comunicação,

⁶ Em mensagem dirigida ao Congresso Alagoano em 19/04/1907, o então governador menciona os elevados gastos com a instrução e seus inúmeros problemas, destacando: o despreparo dos professores, o elevado número de nomeações desses profissionais que só usufruem das vantagens pecuniárias do Estado, a ausência de disciplina e de normas, entre outros. Nessa perspectiva, anuncia intervenções que vão dar determinação máxima do número de cadeiras de instrução elementar, fixando, em 220, 54 na Capital; anuncia igualmente novo regulamento para a instrução pública.

considerando que é indicativa dos recorrentes conflitos que se davam entre as esferas do poder municipal e do estadual no contexto da instrução pública:

[...] O exmo. Sr. Governador, tendo em vista a reclamação que lhe dirigiu o professorado dessa cidade e seus subúrbios da qual se verifica que não tendes dado cumprimento a resolução tomada pelo mesmo Sr. Governador em 21 de janeiro de 1908, quanto ao pagamento pelos cofres municipaes dos alugueis das casas onde funcionam as escolas de instrução primaria, manda tornar efectiva a referida resolução e confia que não recuseis a efectuar dito pagamento, harmonizando assim os interesses desse município com os do Estado. Não atinamos com os motivos determinantes da recusa dos Srs. Intendentes que se têm negado tornar efectivo os pagamentos em questão. Será por julgarem illegal a resolução de 21 de janeiro de 1908? Não o cremos, pois que os poderes municipaes de todo o Estado, sem discrepancia de um só, acolheram a supradita resolução como legalissima. Em Penedo, O Intendente Parreiros, então em exercício, abriu uma verba para ocorrer tal pagamento, Ao ser votado, no anno , a lei orçamentaria para o prezente exercício, o concelho creou verba especial para o pagamento do aluguel dos predios escolares. Não há, pois, razão para negar-se o ilustre Sr. Intendente tão obstinadamente ao pagamento de uma obrigação que o municipio por seus órgãos mais legítimos reconheceu como legal, salvo se S. S. tem em vista não harmonisar os interesses desse município com os do Estado [...]. (O CRUZEIRO, n. XI, 07/10/1909, p. 1).

De fato, a imprensa de Penedo/AL, não somente no Século XX, mas desde o XIX, foi um grande veículo de discussão de temas caros à nossa história, como a educação da mulher – programa do qual se incumbiram, explicitamente, os periódicos *A Palavra: revista litteraria dedicada a instrução e recreio da mulher* (1889); *A Flor: orgam dedicado ao bello-sexo* (1909) e *Alvorada: orgam dedicado a defesa e educação da mulher* (1910); a instrução, anunciada como a grande meta do periódico *Germinal: orgao litterario e noticioso* (1909), apresentado pelo articulista Leontino nos seguintes termos: “[...] se apresenta hoje na arena jornalística qual destimido guerreiro o nosso campeão, prometendo cooperar na bemdita obra das Letras⁷ [...]”. (GERMINAL, n. 1, 25/07/1909, p. 2).

Considerando que o acesso às fontes é condição primeira para o desenvolvimento da pesquisa em História da Educação, a disponibilidade de muitos periódicos da imprensa de Penedo/AL no site da Biblioteca Digital Brasileira⁸, dentre

⁷ O articulista ainda se vale da expressão “empunhando as armas” para se referir ao jornal, em si, e aos que se dedicam à imprensa - “a immortal obra de Gutemberg” (GERMINAL, n. 1, 25/07/1909, p. 2).

⁸ Ao todo, estão disponibilizados, na Hemeroteca Digital da referida Biblioteca, 45 periódicos de Alagoas - 16 da imprensa de Penedo, mais que um terço dessa quantidade.

eles, o *Germinal* – dedicado à causa da instrução - com um razoável número de edições⁹ - nos fez optar por ser essa a nossa fonte principal¹⁰. Tal decisão está ancorada também no nosso objeto de análise – a instrução – tema/problema sobre o qual nos debruçamos neste texto, articulando sua relação com a imprensa, de modo mais específico, a penedense, tendo em vista a seguinte indicação erigida das páginas do *Germinal*:

[...] É pela imprensa que a instrução ergue-se na sociedade por seus feitos, eminentemente moraes e grandiosos; porque não pertence a uma localidade, nem a um estado, assim como tão pouco não obedece a uma nação, nem se cinge a uma época. O jornal é o vehiculo pelo qual mais facilmente se pode levar até ao povo a instrução; façamos pois, do jornal folhas espareas de um grande livro, que pela sua substancia dos ensinamentos, tenha uma existência mais duradoira do q' a rápida vida das ¹¹rosas de Malherbe [...]. (GERMINAL, n. XVI, 19/12/1909, p. 1).

A imprensa foi referida nos jornais em suas diversas grandezas, inclusive como um meio a serviço da instrução do povo. “[...] A immortal obra de Gutemberg [...]” (GERMINAL, n. 1, 25/07/1909, p. 2), conforme Leontino, articulista do Jornal *Germinal*, que, ao se engajar na causa das letras, poderia mobilizá-la “[...] nesse meio, onde a instrução lentamente vai se extinguindo, empregando todos os esforços para eleva-la desse esmorecimento [...]” (GERMINAL, n. 1, 25/07/1909, p. 2). Esse meio a que nos referimos é a imprensa, como instrumento, e a cidade de Penedo, como *lócus* dessa in(ação).

Mediante o exposto, elegemos a instrução, como objeto de pesquisa e de análise, e a imprensa, como sua principal fonte de divulgação, reivindicação e entendimento da história da educação local, estadual, nacional e internacional, sobretudo se considerarmos a referência aos modelos e aos exemplos dados por países da Europa e que, na concepção de muitos dos nossos homens de letras, deveriam servir de modelo para a nossa educação e instrução.

Representamos esse percurso como a tessitura de um elo para o qual se delinearam os seguintes movimentos: da imprensa à instrução; da instrução à educação e da educação ao progresso. O jornal ou a imprensa seria uma das instituições que

⁹ Ao todo, são 14 edições disponibilizadas no referido acervo. Só faltaram os números cinco, seis e quinze.

¹⁰ Alguns fragmentos de outros jornais, além do *Germinal*, apresentados neste artigo, decorrem de duas condições: trazer um aspecto significativo do tema/problema discutido e cujo número tenha circulado coetaneamente ao periódico focalizado, como são os casos de edições dos jornais *A Semana* e *O Cruzeiro*.

¹¹ Diz-se que alguma coisa teve a duração das rosas de Malherbe quando durou muito pouco. Essa expressão originou-se na poesia do poeta francês François Malherbe (1555-1628).

integrariam a viabilização da instrução no contexto de uma obra partilhada, com foco nos valores morais.

3 O JORNAL *GERMINAL* E AS MÚLTIPLAS FACETAS DA INSTRUÇÃO

Nos primeiros decênios do processo de consolidação da República brasileira, um elevado número de periódicos circulou na cidade de Penedo/AL, quando muitos jornais foram organizados com finalidades anunciadas desde os seus subtítulos ou veiculados em seu ‘programa’, a saber: *A Flor: Orgam dedicado ao bello-sexo*; *A Semana: Folha independente*; *Germinal: orgao litterario e noticioso*; *O Cruzeiro*; *O Rouxinol: orgam litterario e recreativo*; *O Monitor, O Vadio: orgam popular*; dentre outros – constituídos ou em circulação no ano de 1909, quando uma verdadeira efervescência cultural via impressos foi mobilizada em Penedo/AL, por meio de pro/posições assumidas por articulistas, que se posicionaram em função de ideias em curso no contexto da modernidade.

O Jornal *Germinal*, que havia assumido a causa da instrução, fez publicar uma diversidade de artigos em que foram apresentadas suas múltiplas facetas, a saber: *A instrução*; *Instrução popular*, de autoria de Eloy Diniz; *Instrução*, artigo assinado por Adalberto Cavalcante; *O Jornal* e *Até na China*, artigos sem autoria explícita.

As seções *Ao correr da penna*, assinada por Leontino, e *A lápis*, por Leandro Vargas, também abordam o tema em foco, pugnando pela instrução. Além das seções mencionadas, o *Germinal* era constituído pelas seguintes seções: *Rhapsodias*¹² e *Lar em Festas*, reservada às notícias e às felicitações gerais.

A expressão ‘germinal’, como um adjetivo que qualifica ou caracteriza o jornal, pode estar relacionada à origem, à germinação - uma alusão ao crescimento da instrução como algo que se planta – causa empreendida pelo periódico *Germinal* e reafirmada desde o texto de apresentação do seu primeiro número, bem como em outras seções e artigos em que veiculara. A propósito, *Germinal* é também o nome do primeiro mês da primavera no calendário da Revolução Francesa.

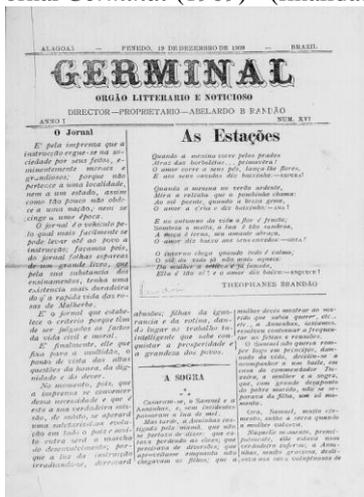
¹² Considerando que o *Germinal* era um periódico também literário, as constantes ‘rhapsódias’ que, conforme o significado do termo na literatura, designam um tipo de composição que se vale de fragmentos poéticos, foram publicadas na primeira página do citado jornal ou no seu interior, geralmente assinadas por Jecílio Selvas.

Dossiê: imprensa, história e educação

O primeiro número do *Germinal* foi publicado no dia 25 de julho de 1909 e circulou até dezembro¹³ do mesmo ano, aos domingos¹⁴. O escritório do jornal, cujo diretor e proprietário era o tipógrafo Abelardo Duarte¹⁵, localizava-se na Rua do Rosário, n. 45, na cidade de Penedo/AL.

Em relação ao modo de apresentação gráfica, o jornal era constituído de três colunas - a terceira era subdividida em duas, quando da publicação de um poema, geralmente na primeira página, e dos anúncios e das propagandas, na última.

Figura 1 – Jornal *Germinal* (1909) - (finalidade ilustrativa)



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional (2013)¹⁶

Um aspecto importante observado no jornal *Germinal* é a referência aos demais jornais que estavam circulando ou surgindo na época, o que indica a boa relação que a imprensa estabelecia entre os seus confrades, referindo-se ao modo como eram aludidos. Ao anunciar o surgimento de mais um deles – *A Flor* (1909), o colaborador do periódico e articulista da seção *Ao correr da Penna* faz aludir ao que entendemos como uma contradição, nos seguintes termos:

[...] a predilecção que se tem por aqui à Imprensa, embora sem nenhum elemento de instrução existir [...] numa cidade que não ha

¹³ Considerando-se as edições disponibilizadas na Hemeroteca Digital Brasileira.

¹⁴ Grande parte dos jornais penedenses, geralmente, circulavam uma vez por semana, por isso havia jornais publicados nas segundas-feiras, como *O Monitor*, nas quartas-feiras, como *A Flor*, nas quintas-feiras, como *O Cruzeiro*, e um número maior deles aos domingos, possivelmente uma estratégia pensada para uma cidade com tantos periódicos.

¹⁵ Posteriormente, Abelardo Duarte também atuou como professor da Escola noturna Luz de São Francisco, mantida pela Maçonaria de Penedo, conforme consta no *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* em seu v. IV referente ao estado de Alagoas - Municípios, em sua edição de n. 85 do ano de 1929. Era irmão de J. Barcellos Brandão - que também escreveu na imprensa penedense - e primo de Aguiar Brandão - diretor do *Jornal Alvorada* e redator-proprietário do *Jornal do Penedo* - o que nos dá pistas de que a imprensa parecia ser a verve da família Brandão.

¹⁶ Disponível em <http://hemerotecadigital.bn.br/germinal-orgao-litterario-e-noticioso/237418>

muito fôra o nucleo da instrucção do baixo S, Francisco, não encontrar estabelecimentos de ensino que a ajude [a mocidade] no prosseguimento da vereda que deseja trilhar [...]”.(GERMINAL, n. IV, 15/08/1909, p. 2).

Tal ponderação se refere, certamente, à instrução pública secundária e, indiretamente, traz à baila a extinção do Liceu de Penedo e os transtornos já mencionados na seção anterior.

Em todas as edições de o *Germinal*, constam, na última página, os dados do jornal com local de impressão, preço da assinatura e a seguinte inscrição: “[...] Órgão consagrado a litteratura. É noticioso e neutro em assumptos políticos[...]” (GERMINAL, n. I- XVII, 1909, p. 4). Tal declaração nos leva a inferir que esse é apenas um expediente da retórica, visto que a imprensa não pode ser considerada neutra, mas entendemos que essa é uma forma de salvaguardar-se, sobretudo se considerarmos o contexto político da época.

Retomando os artigos que abordam o nosso objeto de análise, destacamos os que têm no título o termo ‘instrucção’, discutindo os aspectos desse “[...] acto ou função que predomina sobre todos os outros no conjunto dos actos da vida de uma nação [...]”, conforme declarara Eloy Diniz. (GERMINAL, n. IX, 10/10/1909, p. 1).

A instrução, com sua “sublime e grandiosa luz” (GERMINAL, n. IX, 10/10/1909, p. 1), é considerada pelo citado articulista como um veículo que nos conduz à igualdade, à liberdade e à fraternidade, ideais proclamados desde a Revolução Francesa. A instrução foi invocada em um dos seus artigos em nome da ciência e do progresso, o que o conduzia a reivindicá-la por meio da imprensa. A Sociologia era a ciência de referência moderna a ser considerada na marcha para conter a ignorância como anomalia social. Em um dos editoriais do citado jornal, Eloy Diniz enuncia:

[...] A sociologia, cujo ensino constitue a gloria do seculo em que vivemos – a lei do progresso impõe que o estado mental do homem corresponda ao q’ diz respeito ao seu character, no direito e dever na sociedade. É, por conseguinte, em virtude dessa sciencia e dos deus ditames que somos levados a pegar da penna para do alto da arvore que Gutenberg plantou – a imprensa – affirmarmos que a existência da ignorância, actualmente em pleno seculo das luzes, constitue uma verdadeira anomalia para o seculo XX e para a pátria nacional. (GERMINAL, nº. IX, 10/10/1909, p. 1).

A instrução se apresentara, pois, como um problema que não é só local, mas também nacional e universal, a ser assumido também pela imprensa que a tudo olha, observa, explica, “[...] do alto da árvore que Gutenberg plantou [...]” (GERMINAL, n.

IX, 10/10/1909, p. 1). A imprensa, que fala ao povo em seu nome, mas também da pátria, com vistas ao engrandecimento e à civilização do nosso pátrio solo, que entendemos incluir também o recorte espacial local.

O articulista prossegue avaliando os problemas causados pela ausência da instrução em nosso país e o que deve ser feito para prevenir esses males, ao mesmo tempo em que coloca os que apressam o saber - o que inclui o jornalista e, conseqüentemente, a imprensa, de modo geral, como guardiões dessa empreitada.

[...] A falta de instrução em o nosso paiz é um elemento de desordem e regresso; e para que não trilhemos esse caminho tortuoso, é necessário que tenhamos em vista, fazer empecer os diques que se antepõem aos avanços da sociologia [...]. Um dos maiores serviços de um homem de saber é o de espancar as trevas da ignorância, para merecer a saudação e a imitação dos pósteros. Trabalhar, pois pela humanidade é a grande missão. (GERMINAL, n. IX, 10/10/1909, p. 1)

Os livros, como veículo de propagação da instrução, também aparecem citados em notícias, como esta que selecionamos: “[...] Acaba de vir a lume mais um trabalho da lavra do Sr. Moreno Brandão, subordinado ao título *História de Alagôas* [...]” (GERMINAL, n. I. 25/07/1909, p. 4). Ou, ainda, a menção ao livro de poesias de Theophanes Brandão intitulado *Sonatas* (GERMINAL, n. XII, 31/10/1999, p. 3). Ademais, no artigo assinado por Abelardo Cavalcante, o jornalista destaca o livro como objeto veiculador e irradiador da instrução: “[...] Instruamo-nos, pois, abracemos o livro [...]” (GERMINAL, nº. XII, 31/10/1909, p. 3).

A referência à ausência do Estado, ao mau ensino, às condições de trabalho dos mestres e á situação das escolas também foi objeto de leitura e de preocupação publicizado nas páginas do *Germinal*: “[...] Não possuímos instrucção, não possuímos a boa vontade do ensino. Possuímos professores mal pagos, a maior parte sem o cultivo necessário para o ensino e escolas onde a hygiene não lança as suas vistas [...]” (GERMINAL, nº. III, 08/08/1909, p. 2).

No fragmento supracitado, foram apontados problemas que perseguiram nossa educação, tais como o preparo/formação dos professores, a inspeção do ensino e as condições das escolas. Ainda assim, encontramos no artigo a recomendação da obrigatoriedade e/ou intervenção por parte do Estado para que os pais ou tutores matriculem e/ou mantenham seus filhos nessas escolas, ao que complementa, disparando o seu autor: “[...] Obrigar, nesse caso, não é uma arbitrariedade, é uma

necessidade, compreendida até na China, onde já existe a lei da obrigatoriedade do ensino [...]” (GERMINAL, n.º III, 08/08/1909, p. 2).

Ainda sobre os mestres, o articulista Eloy Diniz, ao destacar aspectos relacionados à sua indicação, menciona, igualmente, sua relevância na sociedade e a garantia de boa remuneração por parte do governo condizente com tamanha responsabilidade.

[...] O dotes intellectuaes e moraes d’aquelle que se dedica ao magisterio, as qualidades que lhe dão competencia para assumir um espinhoso e elevado cargo devem ser pesados na balança ideal do seu merito. Só o verdadeiro merito, o que assenta sobre a ellevação intellectual e moral, deve dar jus ao cidadão a assumir um cargo de tão altas attribuições. Sim: devera ser desse modo o escolhido para o cargo de preceptor da mocidade, mas cercado de tosas as garantias e remunerado de modo, que possa manter-se decentemente na sociedade. (GERMINAL, n.º X, 24/10/1909, p. 1).

Alertara, igualmente, o referido jornalista para o abandono em que estava a instrução em Alagoas, para a qual o governo parecia ter virado as costas, sem entender que, ao representar o seu povo, faz-se representar por eles, por isso povo atrasado seria o retrato de um governo também atrasado. Sobre a instrução elementar, afirmou o articulista:

[...] Não tem curado desse tão importante ramo do serviço público o governo do nosso Estado, aliás digno de melhor sorte; pois esquecer-se que a instrução é o elemento da igualdade, liberdade e fraternidade de um povo que quer ter os foros de civilisado, é esquecer-se que o próprio governo é a imagem desse mesmo povo, segundo o seu grau de atrazo ou adiantamento. (GERMINAL, n.º X, 24/10/1909, p. 1).

Mediante o exposto, a promoção da instrução pública ou particular parecia mesmo ser um problema só nosso, uma promessa não cumprida, haja vista a ignorância generalizada do povo e o atraso em que se encontravam a cidade e o país, agora urbano e caminhando para o desenvolvimento da indústria. Afinal, conforme destacou o autor do artigo ‘Até na China’,

[...] Em quasi todas as cidades da Europa e em muitas da América, vemos institutos de instrução, mantidos pelo governo e por uma infinidade de sociedades particulares, onde se aprende, onde os meninos pobres encontram enfim a boa vontade do ensino. Em nosso meio nada disso existe. (GERMINAL, n. III, 08/08/1909, p. 2).

Em favor da instrução, vista como condição que antecede e/ou não dispensa a educação, muitos jornalistas escreveram artigos recorrendo a um tom invocatório pela

instrução, e por que não dizer, convocatório para os leitores de modo geral. Nessa perspectiva, clamaram em prol de associações e de outras instituições que pudessem se investir dessa causa, como as bibliotecas.

[...] Façam-se gremios, escolas, abram-se cultos á Instrucção e veremos n'um cantar unisono, parte inquebrantável como um clarim de guerra, por toda a parte, os sons festivos da Educação, a Civilização bemdita! [...] Dizem: a menor sociedade litteraria é um foco q' brilha no meio das trevas tenebrozas da Ignorancia: è verdade, a mais humilde associação litteraria é um raio de luz que escapa-se do Sol da Instrucção e vae brilhar. (GERMINAL, n. XI, 31/10/1909, p. 2).

No mesmo tom invocatório e consoante com a ideia de instrução como luz a ser derramada e aproveitada por todos os povos em prol da sua civilização, patriotismo, desenvolvimento intelectual e moral como há muito já se destacou na imprensa, bradara o jornalista Adalberto Cavalcante¹⁷:

[...] Instruir-nos, instruir-nos, eis o que desejo-vos. Luz, luz brilhante de sabedoria, de intelligencia, de fé, uma luz offuscante, a luz bemdita da instrucção, eis o que desejamos. Obter essa miraculosa e visionaria luz, é o que almejamos. Quem deixará abandonada essa luz?! (GERMINAL, n. XVI, 19/12/1909).

Ressalte-se, contudo, que a instrução que se desejava nas escolas precisava de certa especificidade ou de uma finalidade que se distanciasse das boas intenções, já que, conforme o dito popular, delas o inferno estava cheio. O povo, no inferno da ignorância, precisava aprender coisas úteis, voltadas para o trabalho, uma instrução que antecedia e ultrapassava a doutrina cristã, conforme a leitura do articulista que assinava como *Dó, Ré, Mi*.

[...] Mais uma vez, apelo para os governos. Instrucção ao povo! Escolas espalhadas pela terra, aos centos aos milhares, escolas, escolas! O povo está no inferno, mas no inferno da ignorância, no inferno escuro e temeroso da ignorância; falta-lhe o fogo sagrado da instrucção. Seja o A. B. C. espalhado, antes da Doutrina Christã. [...] Venham os senhores padres pregar a Santa Missão do Trabalho; o povo não precisa de rezas; não lhe dão *padre-nossos* o pão de cada dia. Venham ensinar-lhes a preparar a terra, tragam para elles novas sementes; venham ensinar-lhes a pegar dos instrumentos; venham falar-lhe da industria, de como se tece o panno¹⁸ que nos preserva das

¹⁷ A respeito desse colaborador, o *Jornal Germinal* noticiou, em seu n. XVI, 19/12/1909, p.3, a sua aprovação em Maceió nas matérias do 4º ano de Ciências e Letras.

¹⁸ A fábrica de tecidos, denominada “Industrial Penedense”, era símbolo do grande desenvolvimento industrial na cidade de Penedo e para o Estado de Alagoas. Além disso, a cidade dispunha de outras

intempéries e que nos dão outra compustura aos olhos do próximo. (A SEMANA, n. 34, 19/09/1909, p. 2).

Na escrita do articulista, a menção, ainda que indireta, a temas caros a nossa educação - a obrigatoriedade do ensino e a laicidade - ao mesmo tempo em que apontava para a inação dos governos e a ação da igreja, contestando seus expedientes, invocava uma instrução que precisava ser moderna, laica e prática em prol do progresso e da modernidade. É importante ressaltar que o sentido ampliado e redentor da instrução/educação que se volta para o trabalho e a civilidade é reforçado nos periódicos constituídos no ano de 1909 na modelar imprensa penedense.

A respeito do caráter prático da instrução, mesmo que sob a forma de notas no jornal *Germinal*, destacamos o seguinte registro:

[...] Ouvimos de pessoa relacionada com atos políticos do Rio de Janeiro, que são infundados os boatos que aqui correm, sobre a ida da escola pratica de agricultura para Maceió, dizendo-nos a mesma pessoa que tem serios motivos para afirmar que aqui é que será installada a referida escola. Esperemos, portanto a realização desse grande melhoramento para Penedo e impulsionamento para a classe agrícola do São Francisco. (GERMINAL, n. XII, 07/11/1909, p. 3).

Essa notícia nos permite fazer algumas considerações: primeiro, a preocupação do jornalista em dar a notícia em primeira mão e de fonte que julga segura, considerando ser essa uma questão política; segundo, a escola em questão atendia a uma necessidade de instrução local, já que, em Penedo/AL, destacava-se a prática da agricultura; e por fim, a defesa, ainda que sutil, desse tipo de instrução e instituição.

Quanto às escolas penedenses, são mencionadas em notícias algumas delas, por exemplo, o Collegio Nossa Senhora do Rosário, que se destacara nos exames, visto que “[...] as alumnas, mais uma vez, vieram provar, pelo seu adiantamento, o conceito que sempre fizemos d’aquelle educandário [...]” (GERMINAL, n. 16, 19/12/1909, p. 3); e a menção à excelência da instrução ministrada no Externato J. Batinga:

[...] O “Externato J. Batinga” é actualmente o único nesse gênero, entre nós que está habilitado a dar aos seus alumnos a verdadeira instrução, moral e civica. O seu jovem, porem talentoso director é digno de todos os encommios pelo modo com que tem sabido inculcar no animo dos alumnos, o amor pelas datas gloriosas de nossa patria, datas que tão desastrosamente, entre nós, têm passado despercebidas. (GERMINAL, n. 14, 28/11/1909, p. 2)

fábricas, por exemplo, a de óleo (Cf. Mensagem dirigida ao Congresso Alagoano pelo Dr. Gabino Besouro, governador do Estado de Alagoas em 15/04/1894.

Festejar e rememorar, sobretudo as datas gloriosas da nossa pátria, era um valor partilhado pelo jornal em foco - ordenamento da escola republicana, recomendada desde o Governo do Presidente Deodoro da Fonseca. A escola aludida no fragmento era a única a ser recomendada no gênero, exatamente por seu ensino moderno e patriótico – valores importantes na época. E talvez, para comemorar ou mesmo reafirmar a importância do *Jornal Germinal* para além da circulação local, publicou-se nele uma circular encaminhada por uma associação da cidade de Viçosa que, além de solicitar o envio do impresso, destacava sua relevância.

[...] A Sociedade Recreativa e Instructora Viçosense, sciente de que empenhai-vos pela divulgação da luz no seio da humanidade, solicita-vos a remessa do vosso importante jornal o *Germinal* que muito concorrerá para o desenvolvimento de sua Bibliotheca, franqueada ao público dessa cidade e aos seus dignos visitantes. Certo de que haveis de bem acolher o seu apello o Conselho Administrativo não hesita em contemplar-vos no resumido numero dos operarios do progresso e antecipa o reconhecimento com os protestos de elevada consideração. (GERMINAL, n. XVI, 19/12/1909, p. 3).

Se, como enfatizara Campos (2012), “as pesquisas que se utilizam de jornais não especificamente pedagógicos para falar sobre a história da educação trabalham, na verdade, com um conceito de educação mais abrangente do que o da educação escolar”, dizemos que, nas fontes utilizadas, a instrução é que teve seu sentido alargado como prática social para além da esfera escolar, razão pela qual fora invocada e reivindicada pela imprensa que se apresentara como instrumento intercessor por excelência.

Devido às preocupações expressas na/pela imprensa penedense, a necessidade de se generalizar a instrução, como luz que alumia todos os problemas e contribui para a sua resolução, esteve sob a pena dos articulistas, associada ao desenvolvimento da cidade e da nação, passando pela civilidade do povo e carecendo de providências por parte do Estado. Nessa perspectiva, os jornalistas não só bradaram pela ausência do Estado no oferecimento da instrução, como também exigiram sua intervenção na elaboração de leis qualificadas como mais úteis, entre elas, a obrigatoriedade do ensino.

Por fim, afirmamos que, das páginas do *Germinal*, saltaram aspectos relativos às questões educacionais e sociais tão discutidas na época, como o higienismo, a intervenção do Estado, a civilidade para manter a ordem e o progresso nas/das cidades, e Penedo/AL e a imprensa penedense estiveram atentas a esse debate.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] É o jornal que estabelece o critério porque têm de ser julgados os factos da vida civil e moral. É finalmente, elle que fixa para a multidão, o ponto de vista das altas questões da honra, da dignidade e do dever. No momento, pois que a imprensa se convencer dessa necessidade e que é essa a sua verdadeira missão, de súbito, se operará uma salutarissima evolução em todo o paiz e muito outra será a marcha do desenvolvimento; porque a luz da instrucção irradiando-se, derrocará abusões; filhas da ignorância e da rotina, dando lugar ao trabalho inintelligente que sabe conquistar a prosperidade e a grandeza dos povos (GERMINAL, n.º. XVI, 19/12/1909, p.1).

As fontes consultadas (jornais) nos permitem reafirmar a “instrução” como um problema social recorrente, porquanto, historicamente, foi apresentada como objeto de reivindicação, que ocupa a agenda social dos nossos articulistas, jornalistas e colaboradores da imprensa periódica, encarada como meio e fim da instrução.

Nos excertos apresentados neste artigo, foi possível perceber, na escrita de muitos jornalistas, não somente uma dimensão diagnóstica, mas também, por vezes, prognóstica, demarcando suas pro/posições pela causa da instrução, conforme se evidencia no excerto com o qual iniciamos esta seção. No referido fragmento, o jornal se apresentava, na visão/versão do jornalista, como saída para os grandes problemas que impediam o desenvolvimento do país, inclusive, deveria funcionar como crivo e orientação para o povo, promovendo sua educação e instrução e debelando a ignorância aclarada pelas luzes da instrução - empreendimento a ser assumido pela imprensa em sua verdadeira missão. Possivelmente, essa tenha sido uma das motivações para que tantos jornais tenham sido constituídos na cidade de Penedo/AL.

Em relação ao jornal *Germinal*, foi possível perceber que, mesmo sendo um periódico local, centrado na realidade da cidade de Penedo/AL, as reflexões empreendidas por seus redatores abarcaram temas/problemas de abrangência nacional e, por que não, universal, uma vez que a imprensa tinha uma dimensão para além do espaço e do tempo, conforme registrou um articulista do *Germinal* em fragmento já apresentado neste trabalho.

A instrução foi apresentada no periódico focalizado em uma dimensão ampla. Seu campo de a(tu)ação foi alargado para a educação do povo, inclusive em seus aspectos de conscientização, além de promotora do desenvolvimento das cidades e do país. Como traço de permanência, foi possível perceber as marcas da tradição iluminista, em que a instrução seria derramada ao povo e para todos como a luz que é

capaz de corrigir rotas, assim como a imprensa, em seu papel de instruir com mais pujança.

Nos periódicos consultados para a produção deste artigo, a relação imprensa e instrução foi tratada considerando-se que a segunda é circumspecta à primeira, sendo que aquela é capaz de promover, regular e qualificar a instrução. Desse modo, a imprensa penedense parece ter assumido a instrução não somente como bandeira e condição do desenvolvimento do povo e da cidade, mas também como a sua mais nobre causa e consequência. Para tanto, recorreu a comparações com outros países, estabeleceu relações funcionais por meio do seu principal veículo da época – os jornais – e evocou-a por seus aditamentos intelectuais, socioespaciais, políticos e culturais.

Por fim, como a imprensa, de modo geral, e o jornal, em particular, foram analisados neste trabalho como fonte histórica que potencializa e impulsiona o desenvolvimento da pesquisa em História da Educação, cujas pistas e/ou achados entendidas/os como não verossímeis do passado e representativas/os da cultura de um tempo e de um espaço (CAMPOS, 2012) podem ser articuladas/os e/ou confrontadas/os com outros tipos de fontes, este trabalho se constituiu, também, como uma investigação possível no tempo, no espaço e nas condições de pesquisa que são postas e como um convite para seguirmos outras rotas, empreendermos outras interpretações e elaborarmos outras problemáticas de pesquisa.

ABSTRACT

This paper discusses the relationship between press and education mediated by instruction as a subject / problem that involves readings referring not only to a given period, but also to ways of looking at society and its demands. The paper source was the basis of documentary research. We chose the journal *Germinal* (1909) for a more intensive reading, although we entered into dialogue with other periodicals that circulated, at the same time as *Germinal* which proposed from its initial programme, "to battle for the diffusion of education and for the cause of literature" and also with productions related to the history of education. The sources consulted allow us to re-affirm "instruction" as a recurring social problem, since it was presented historically as an object of demand and occupied the social agenda of our writers, journalists and collaborators of the printed press, raised as the means and end of education.

Keywords: Press. Instruction. Republic.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Carlos Souza. A imprensa, co-partícipe da educação do homem. **Revista Cadernos de História da Educação**, v. 1, n.1, p. 59-62, jan/dez. 2002.

ARAÚJO, José Carlos Souza; SCHELBAUER, Anaete Regina. (Orgs.). **História da educação pela imprensa**. Campinas, SP: Alínea, 2007.

CAMPOS, Raquel Discini de. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, SP, v. 12. n. 28, p. 45-70, jan/abr. 2012.

COSTA, Craveiro. **Instrução pública e instituições culturais de Alagoas**. Monografia escrita por solicitação do Ministério da Educação e Saúde Pública. Maceió: Imprensa Oficial, 1931.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. Imprensa, civilização e educação: Uberabinha (MG) no início do Século XX. In: ARAÚJO, J. C. S; GATTI JR. D. (Orgs.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, SP: Autores Associados/EdUFU, 2002. p. 197-225.

GONDRA, José Gonçalves; SCHNEIDER, Omar. Prefácio: In: _____ **Educação e instrução nas províncias e na Corte Imperial: (Brasil, 1822-1889)**. Vitória, ES: EdUFES, 2011. p. 11-14.

GONDRA, José Gonçalves. Instrução, Intelectualidade, Império: apontamentos a partir do caso brasileiro. In: VAGO, Tarcísio Mauro et. al (Orgs.). **Intelectuais e Escola Pública no Brasil: Séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Mazza, 2009.

LUCA, Tania Regina. Fontes Impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SANTOS, Mônica Costa. **Missionário de letras e virtudes: a pedagogia moral dos franciscanos em Alagoas nos Séculos XVIII e XIX**. 2007. 197 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2007.

SENA, Fabiana. Imprensa e instrução pública no Império: o modo epistolar nos jornais do Rio de Janeiro e da Paraíba. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, SP, v. 14, p. 73-98, 2014.

VERÇOSA, Elcio de Gusmão. **Cultura e educação nas Alagoas: história, histórias**. 4. ed. Maceió: EDUFAL, 2006.

VERÍSSIMO. José. **A Educação Nacional** 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.